



---

## RESENHA

### **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**

#### **The expulsion of the Other: Society, perception and communication today**

#### ***Flávia Ribeiro Amaro***

Pós-doutoranda em ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

E-mail:

[flavia.ramaro@gmail.com](mailto:flavia.ramaro@gmail.com)

#### **Dados da obra**

HAN, Byung-Chul. A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2022. 135p. ISBN 978-65-5713-350-7

Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, traz em seu livro, “A expulsão do Outro: sociedade, percepção e comunicação hoje” (2022), uma crítica contundente e atual sobre alguns problemas sociais inscritos na sociedade contemporânea, que ele denomina como “sociedade do cansaço”, ou “sociedade do desempenho”, na qual estamos atavicamente inseridos.

Nascido em 1959, na capital da Coreia do Sul, Han após ter estudado metalurgia em seu país natal, migrou, em 1980, para a Alemanha, onde estudou filosofia. Doutorou-se com uma tese sobre Martin Heidegger e, atualmente, é professor de estudos culturais na Universidade de Berlim.

A sua obra tem se popularizado, suas ideias extremamente atuais têm encontrado eco na academia e fora dela, pois chamam a atenção para problemas atuais. Traduzido para diversas línguas, seus livros abordam a violência que os próprios indivíduos imputam contra si mesmos na era digital.

O presente livro, que aparece na sequência de outros, igualmente, publicados pela Editora Vozes, tais como: “Sociedade do Cansaço” (2017), “Hiper-culturalidade: cultura e globalização” (2019), “Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo” (2021), entre outros. Sua escrita é repleta de sentenças curtas, diretas e certeiras. Esta obra é composta por doze textos, a saber: “Terror do igual”; “Violência do global e terrorismo”; “Terror da autenticidade”; “Angústia”; “Limiares”; “Alienação”; “Contracorpo”; “Olhar”; “Voz”; “Linguagem do outro”; “O pensamento do outro” e “Escutar”.

O texto inicial, “Terror do igual”, desenvolve a ideia de que estamos vivenciando um momento em que o outro – antes motivo de mistério, de sedução, de desejo e, reconhecidamente, portador de um certo grau de negatividade – desapareceu, e em seu lugar nos deparamos com um amontoado de iguais. Nesse sentido, a aniquilação do outro redundou em uma eminência do igual. Ao expulsar o outro, um novo processo de destruição se deflagrou, a autodestruição. Posto que, “um sistema que rejeita a negatividade do outro desenvolve traços autodestrutivos” (HAN, 2022, p. 8).

No meio virtual, o encontro com o outro não é facilitado, dado que, se troca informações em demasia, mas não saberes. Os saberes não são instantâneos, sua temporalidade é diferente. O contato é substituído por conexões. As distâncias são eliminadas, contudo a proximidade não é em contrapartida facultada. Ao invés de proximidade, o que se observa é uma mera ausência de distâncias. “Tudo é igualmente próximo e igualmente distante” (HAN, 2022, p. 16).

Assim, nessa sociedade da ausência de distâncias, mas não, necessariamente, de proximidades e de trocas legítimas com o outro, que por sua vez, é expulso, percebe-se a proeminência da “transparência”. Tal transparência é pautada pelo excesso de positividade, pela exposição excessiva nas redes sociais e nos meios digitais em que a interação se dá ficcionalmente por virtualidades não virtuosas. Segundo o autor, “a sociedade da transparência digital desauraliza, desmistifica o mundo” (HAN, 2022, p. 17). Nessa perspectiva, compreende-se que é necessário entrar em contato com a negatividade do outro, pois assim criam-se anticorpos capazes de combater os agentes causadores do adoecimento e regenerar o sistema.

No texto seguinte, “Violência global e terrorismo”, o autor profere uma crítica ao modelo neoliberal, caracterizado por condicionar os indivíduos à uma violência capaz de aniquilar a negatividade do outro. Trata-se de um tipo de violência global que é motivada pelo primado do igual.

O autor defende que nesse modelo, os sujeitos sociais se tornam exploradores de si mesmos, pois acreditaram numa pérfida promessa de liberdade. Seus argumentos descrevem que tal configuração de liberdade, demonstra na prática que, os indivíduos são livres apenas para se auto explorarem.

Já o terrorismo envolve o medo do singular diante do global. Para ele, “A sociedade do medo e a sociedade do ódio se condicionam reciprocamente” (HAN, 2022, p. 27). E, aponta para a necessidade do desenvolvimento de uma “política vital”, capaz de atender a demanda premente por solidariedade.

Em “Terror da autenticidade”, Han procura discutir uma das categorias centrais do discurso neoliberal, a afirmação da necessidade de autenticidade, responsável por compelir o eu a produzir o si mesmo. Porém, vale destacar que, essa autenticidade que se defende aparece atrelada ao consumo. Nas palavras do autor, “o imperativo da autenticidade não leva à formação de um indivíduo autônomo, soberano. Antes, ele é completamente cobrado pelo comércio” (HAN, 2022, p. 40).

Para o filósofo, a demanda por autenticidade corrobora para uma compulsão narcisística, posto que, o outro desaparece. O outro passa a ser instrumentalizado como instância de gratificação do eu. Assim, as energias libidinosas são depositadas no próprio eu. E, esse represamento da energia libidinal no eu é causadora de adoecimento. O indivíduo da sociedade do cansaço está depressivo, uma vez que, está aprisionado em seu próprio eu, ele está saturado de si, pois expulsou o outro com a sua respectiva negatividade. Com a expulsão do outro desencadeia-se em decorrência uma autodestruição.

O terrorista é um narcisista, que não admite a autenticidade do outro. A violência global é viral, ela se espalha impedindo as singularidades. É o terror do global que constitui o terrorista, pois ele ao temer o igual, ele recria o inimigo, ameaçando o outro.

Na sequência, têm-se o texto, “Angústia” em que o autor aborda essa condição psíquica desencadeada pelo terror do igual, isto é, pelo desabamento do familiar. O

autor localiza essa condição como a prévia de uma ruptura. Coloca que, atualmente as angústias são motivadas por diversos fatores difusos, tais como: a angústia do fracasso, a angústia de não conseguir satisfazer as suas próprias expectativas. E defende que, a promoção da angústia faz parte da lógica neoliberal, dado que, ela impulsiona a produtividade.

Em “Limiares”, o filósofo localiza a angústia como um sentimento limiar, que se encontra à meio caminho entre uma passagem para o totalmente outro, o desconhecido. Pois, é no limiar que está inscrita a morte, estágio necessário para um renascer. Nessa lógica, a metamorfose só é alcançada com a passagem pelo limiar, em virtude de que se almeja ultrapassar o igual.

No texto “Alienação”, Han discute como a noção de alienação ganha uma nova conformação nos tempos hodiernos. Em uma era pós-marxista, a alienação não assume mais a característica de autodesrealização, posto que, ela aparece revestida de uma áurea de liberdade. E, como atributos dessa liberdade, estão implícitos a autorrealização e a auto-otimização. Nessa forma de alienação, não existe mais um outro explorador, pois quem explora a si mesmo é o próprio indivíduo, imbuído dessa promessa neoliberal. O sujeito se auto explora sem cessar, até a morte. A morte é o limite da auto exploração desenfreada. Trata-se, portanto, de uma liberdade ilusória que esconde as intenções insidiosas do neoliberalismo, capaz de imputar uma autoalienação destrutiva ao sujeito. Nessa linha de raciocínio, a hipercomunicação impulsiona essa autoalienação. A hipercomunicação é tida como uma verborragia incapaz de promover proximidade, que se desenvolve num vazio atrelado à um estado depressivo.

Em “Contracorpo” o autor parte da máxima de que, “o peso das coisas constitui o peso do mundo. Elas são contracorpos” (HAN, 2022, p. 73). Com isso, ele quer dizer que, no mundo digital perde-se o “de frente”, o contrário também desaparece, navega-se por um universo de iguais.

É nesse sentido, que ele defende a necessidade de desenvolvimento de um “Olhar”, que corresponde a ver o mundo para além das telas amorfas e distorcidas da realidade virtual. E expõe que a depressão ocorre em função da supressão do olhar do outro.

Desse mesmo modo, o autor chama a atenção para a questão da “Voz”. Ressaltando que, tanto quanto o olhar como a voz do outro foi suprimida, porquanto as conexões no mundo digital se manifestam sem olhar e sem voz. “Não escutamos mais a voz do outro no murmúrio digital do igual” (HAN, 2022, p. 91). A comunicação digital não tem mistério, nem poesia, é consoada.

A comunicação nos dias de hoje é descorporificante, se expressa num vazio sem proximidade, sem olhar e sem voz. A voz que ela expressa é alisada, sem corpo, transparente, não sendo capaz de conferir sedução, tampouco, deleite.

Em a “Linguagem do outro”, o filósofo aponta para o fato da falta de espanto proporcionado pela tela digital. A voz do outro foi silenciada, entretanto escuta-se um barulheira do igual. O frente a frente foi extinto e em seu lugar aparece a tela fria.

No texto, “O pensamento do outro” Han reflete sobre a transparência do outro, que perdeu seu mistério e foi degradado a um mero objeto econômico. E, em contrapartida chama a atenção para a necessidade da escuta e do olhar sincero, bem como à consideração ao pensamento do outro, como estratégias para confrontar o ego inflado cultivado pelo sistema neoliberal.

Em “Escutar”, constata o fato de que, nossa sociedade perdeu significativamente a capacidade de escuta, que ao invés da voz do outro de ouve uma barulheira derivada de um excesso de informação, de uma hipercomunicação, que em detrimento da ausência de distância não promove a proximidade. Escutar vai além da mera troca de informações, o escutar remete à uma dimensão política, corresponde à uma participação efetiva, em que se inteira do sofrimento do outro. O sofrimento hoje que é repellido, evitado, dado que, com a expulsão do outro, expulsa-se também a sua dor. Assim, o sofrimento torna-se individualizado, ignora-se a socialidade do sofrimento. Nessa perspectiva o sofrimento aparece sob o viés do fracasso, da negatividade que se procura suprimir em detrimento da positividade exaustiva relativa aos iguais.

Defende que a escuta como uma forma de cura, na medida em que adota uma postura de hospitalidade, que acolhe o outro em sua autenticidade. O escutador, durante o ato de escutar, se doa ao outro, ele assume uma atitude passiva de esvaziamento do ego.

A estratégia neoliberal é deslocar o sofrimento para o âmbito do indivíduo, para que ele perceba suas mazelas e seus fracassos como falhas pessoais, sem conseguir articular suas causas às questões macroestruturais, igualmente, determinantes. O sofrimento do outro, tampouco, é percebido e assim, uma hipocrisia se funda, a socialidade do sofrimento não é admitida.

Dito isso, destaca-se a atualidade das críticas de Byung- Chul Han e a necessidade de divulgação de suas ideias, numa perspectiva interdisciplinar que visa acercar-se dos problemas contemporâneos e refletir sobre estratégias para contorná-los.

## **Bibliografia**

HAN, Byung- Chul. *Sociedade do cansaço*. 2ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HAN, Byung- Chul. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung- Chul. *Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung- Chul. *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje*. Petrópolis: Vozes, 2022.

***Recebido em: 19 de outubro de 2022***

***Aceito em: 25 de outubro de 2022***